

# **O CONCEITO DE HUMANISMO RIDÍCULO PROPOSTO POR LUIZ FELIPE PONDÉ.**

## **CRÍTICA À MODERNIDADE - ENTRE DOSTOIÉVISK E PIO IX.**

Diego Klautau

Mestre em Ciências da Religião - PUC/SP

dklautau@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho busca compreender o conceito de humanismo ridículo, estabelecido por Luís Felipe Pondé, em seu livro *Crítica e Profecia – A filosofia da religião em Dostoiévisk* (1997) e em seu artigo *Epistemologia Agônica e Disfuncionalidade Humana: um ensaio de teologia pessimista* (2001) publicado na Rever, revista de estudos da religião. Como método investigativo, Pondé sugere a filosofia da religião com elemento crítico para compreender, por um lado, a literatura profética de Dostoiévisk e por outro estabelecer uma avaliação da abordagem do fenômeno religioso pelo viés das Ciências da Religião em seu paradigma científico na modernidade. Ao lado de Dostoiévisk, apresentamos também a encíclica *Quanta Cura* (1864), do papa Pio IX, juntamente com o *Syllabus* (1864) como crítica à modernidade do século XIX, fundamentada também neste humanismo ridículo, raiz do que é entendido pelo cânon católico como erros graves do tempo presente.

Palavras-Chave: Literatura, Cristianismo, Igreja Católica.

Abstract: This article search understand the concept of ridiculous humanism, post by Luís Felipe Pondé, in his book *Crítica e Profecia – A filosofia da religião em Dostoiévisk* (1997) and in his article *Epistemologia Agônica e Disfuncionalidade Humana: um ensaio de teologia pessimista*(2001) published in Rever, review of religion studies. As investigative method, Pondé suggests philosophy of religion as critic element to understand, by one side, Dostoevick's profetic literature e by other hand to put a avaluation of the approach of religious fenomenon by Science of Religion in this scientific view in modernity. Near to Dostoevick, we introduce the letter *Quanta Cura* (1864), by pope Pio IX, as well the *Syllabus* (1864) as critic to XIX century modernity, raised also in this ridiculous humanism, root of, as understand by catholic canon, as severe mistakes of the present time.

Key-Words: Literature, Christianity, Catholic Church.

## 1) Humanismo Ridículo e Dostoiévsk

Para tal, estabelecemos o conceito de humanismo ridículo, é necessário compreendermos a fundamentação da crítica de Luiz Felipe Pondé<sup>1</sup> ao pensamento humano como auto-suficiente sem Deus. Entender um projeto de humanidade sem Deus é pensar na impossibilidade do pó tornar-se algo. Daí a insistência do entendimento da religião como sistema crítico, pois uma vez acessível a epistemologia, a crítica se, destituída de sua origem religiosa, se torna válida nos parâmetros do pensamento moderno.

Essa exclusão do pensamento religioso, de Deus como fonte, objeto e método de reflexão, está inserida de forma mais pontual na academia, a partir do ambiente intelectual definido por modernidade<sup>2</sup>. Para Pondé:

“Penso que tal fato descreve na realidade um problema de concepção de mundo: a cosmovisão religiosa – ainda que dito de forma muito abrangente – parece entrar em frontal choque com aquela que define o advento da "modernidade". Não vou entrar nos meandros dessa discussão pois esta é já "quase" senso comum: a orfandade do ser humano moderno descreve sua solidão cósmica assim como sua (festejada) liberdade pós-adâmica. Com a mecânica moderna, passamos de um mundo como livro que revela seu autor a espaços infinitos de escuridão e silêncio, presos na matemática indiferente do átomo. O procedimento usual nesta "modernidade" é a redução do fenômeno religioso a alguma de suas mediações, psicológicas ou sociais.” (Pondé, 2001, p.79)

A redução do fenômeno do religioso em suas formas psicológicas ou sociais é a base da crítica religiosa ao pensamento moderno. Assim, ao aprofundar a epistemologia das mediações, Pondé entende que a crítica religiosa pode se valer dessas mediações para atingir o projeto falido da contingência do homem auto-sustentável, seja essa sustentação de um projeto ético-político, seja na falência, ou insuficiência, de atingir a felicidade. A

---

<sup>1</sup> Professor da pós-graduação em Ciências da Religião na PUC-SP

<sup>2</sup> Entendemos modernidade como um processo histórico que inicia no século XVI, com o humanismo e renascimento cultural, acirrado pelo iluminismo e a revolução industrial e republicana, acentuado pelo desenvolvimento científico do século XIX e expresso na realidade do século XX>

liberdade pós-adâmica se traduz numa nova expulsão do Paraíso. Sem Deus, não há alívio, não há trégua no tormento humano, que em si mesmo é vazio.

A passagem do dito teocentrismo medieval para o antropocentrismo renascentista marca a falência do projeto de felicidade social, enquanto agrupamento humano ordenado, e falência do projeto de felicidade existencial-psicológico, enquanto sentido para a vida, busca de virtudes e integração psicológica.

“Minha conclusão deverá ser que o conhecimento distante do senso comum acerca da religião pode produzir um outro tipo de "distanciamento": uma crítica social e existencial – assim como epistemológica – com relação ao "sobrevalorizado" humanismo moderno, crítica esta que na realidade nos abre o campo de visão para uma concepção do humano como ontologicamente disfuncional e insuficiente. Isso é que entendo como teologia crítica: a teologia, um objeto de estudo das ciências da religião, objeto privilegiado na medida em que é também uma instância ativa fundamental no procedimento dialógico da investigação em si, se revela muitas vezes como um poderoso olhar filosófico que o "pensamento da Transcendência" nos oferece na forma de uma crítica contundente ao humanismo narcisista que constitui uma certa antropologia contemporânea de raiz renascentista, iluminista e romântica.” (Pondé, 2001, p.80)

A teologia então se torna fonte epistemológica da crítica aos parâmetros da modernidade. São precisamente os pensamentos do renascimento, do iluminismo e do romantismo que estabelecem essa modernidade que está assentada na auto-suficiência humana. A teologia, enquanto conhecimento de Deus, entende o ser humano apenas na relação com seu Criador.

É criatura, e está apenas fundada nesta relação. Ora, uma vez que o projeto moderno afasta Deus do pensamento, dentro do senso comum e mesmo da pesquisa científica nas ditas humanidades, o único refúgio da teologia como pensamento sistemático, reflexivo e metodológico é sua crítica a essa criatura, que se julga auto-suficiente, e está apenas reduzida a sua contingência. Ao pó.

“Toda essa discussão é fortemente filosófica na medida em que supõe "sentidos" não claramente visíveis aos sentidos, portanto ultrapassa o alcance metodológico da

ciência moderna, estruturada a partir da seguinte equação: base empírica coletada pelos inseguros sentidos (os "sense-data") associada a procedimentos sistemáticos que reduzam esta insegurança "sustentada" infalivelmente na miserável falibilidade do aparelho sensorial-cognitivo humano, assim como já nos havia mostrado Sócrates, Platão e os grandes sofistas, muito antes do chamado "pensamento" pós-moderno re-inventar comicamente a roda do relativismo" (Pondé, 2001, p. 82)

Fora dos parâmetros científicos modernos, Pondé afirma que os sentidos da teologia são para além da equação da ciência moderna. Sendo um procedimento humano, o pensamento moderno está assentado na própria falibilidade dos instrumentos sensoriais, dos esquemas racionais e de base empírica tão mutável quanto areia. Construir ciência moderna, para Pondé, é fazer castelos de areia, acreditando ser possível morar e constituir família nesses palácios, estáveis e verdadeiros por um lado, porém extremamente fugazes e traiçoeiros por outro.

Em resposta a essa realidade, a proposta de inserção da teologia como fonte de crítica epistemológica se funda na miséria humana. Como criatura, a redenção e o perdão da humanidade está em Deus. Ora, uma vez retirada essa "hipótese", nada resta ao homem a não ser o profundo encontro com a verdade, o caminho à desgraça. Para essa compreensão, entende-se uma tradição que foi atribuída de "pessimista".

"O termo "pessimismo" é naturalmente polissêmico. Normalmente é compreendido como oposto ao "otimismo". Uma crítica clara ao uso de termos aparentemente não filosóficos como esses, seria que remete o leitor a região sombria do senso comum. Aqui faço uso da idéia pragmática (tanto no sentido de "jogos de linguagem" do Wittgenstein<sup>3</sup> II como na forma pragmatista rortiana de que o uso de um termo pode se tornar claro na medida em que precisamos o campo de utilidade (os limites da produção de sentido em uma comunidade específica) de sua aplicação: nos limites deste paper, o termo "pessimismo" deve remeter o leitor a idéia de disfunção ontologicamente necessária do ser humano tal como se ele encontra no seu estado dado de natureza., assim como também descreve historicamente a crítica da construção da

---

<sup>3</sup> Ludwig Joseph Johann Wittgenstein 1889-1951, filósofo austríaco, considerado um dos mais influentes do século XX, contribuiu com inovações nos campos da filosofia da linguagem.

idéia (oposta a anterior definida por mim como pessimista) de que a natureza humana é suficiente nos limites de seus componentes e funções, o que normalmente é entendido na tradição renascentista como "dignitatis hominis", ou seja, a dignidade natural do Homem. O que está em questão aqui é a idéia da autonomia humana. O pessimismo ao qual me refiro pensará esta autonomia sempre como pesadelo de um ser que se degenera no processo de auto-afirmação de uma condição irreal, seja ela só do ser humano, seja ela de todo o cosmos." (Pondé, 2001,p.88)

Ao seguir essa tradição pessimista, Pondé acolhe a concepção de natureza humana caída, ou seja desgraçada. Naturalmente, (e a idéia de natureza entendida a partir da renascença como algo bom em si mesmo) o homem é insuficiente. Sem a redenção divina, a humanidade está fadada a ser completamente disfuncional, sem possibilidade de coerência e permanência a qualquer compromisso. A natureza humana não é digna em si mesma, uma posição completamente oposta a dignidade natural humana dos renascentistas. Para essa tradição religiosa, a dignidade está em reconhecer-se indigno.

Os impulsos humanos, caídos enquanto criaturas que renegam o Criador, são invencíveis no chamado à miséria, e mais ainda, a própria consciência se perde, acreditando ser liberdade o que se encaminha para a destruição. Apenas uma referência explícita a uma tradição religiosa pode salvar a insuficiência humana, Do modo contrário, tudo se resume a um humanismo, em último instância, ridículo.

Esse conflito entre o humanismo antropocêntrico e a tradição religiosa teocêntrica não é exclusivo na modernidade. A duração do debate é antiga, e está presente até mesmo na realidade de filosofias de caráter religioso.

“Na Antiguidade, Agostinho<sup>4</sup> polemizou contra Pelagius<sup>5</sup> e sua antropologia da suficiência da natureza humana. Segundo o pensador religioso "humanista" vindo das Ilhas Britânicas, o livre arbítrio não estava necessariamente danificado, portanto o alcance da função decisória do ser humano se dava dentro dos limites da sua volição

---

<sup>4</sup> Aurélio Agostinho (do latim, *Aurelius Augustinus*), Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho foi bispo da Igreja Católica, teólogo e filósofo que nasceu em 354 Tagaste e morreu 430, em Hipona.

<sup>5</sup> Monge bretão (360 - 425). Estabeleceu-se em Roma em 384, depois do Egito, após o saque de Roma por Alarico em 410, e finalmente na Palestina. Sua doutrina a respeito da graça foi combatida por Agostinho de

livre. Para Agostinho, esta teoria não só era empiricamente irreal – o mundo é a prova evidente de que as "más" escolhas imperavam – como também implicava na falta de sentido daquilo que ele se referia como o valor da "graça de Cristo". Para o bispo de Hipona, era a ação eficaz (daí o conceito de graça eficaz) que armava o livre arbítrio para a atitude independente com relação a escravidão da concupiscência. Sem a graça sobrenatural, o ser humano só agiria pela concupiscência. E mais: o caráter contingente da graça – na realidade, uma redundância, já que se trata de "graça" – garantia a não instalação do orgulho (3ª e pior concupiscência já que não havia qualquer ingerência do humano na "economia" da graça). Daí a insuportável incognoscibilidade da salvação (não há um "mecanismo" razoável em ação), fazendo toda sua teoria soar como uma violência contra a suficiência da natureza humana. Na realidade, a disfuncionalidade da natureza humana está exatamente nesta insuficiência da natureza humana em operar na natureza sem o componente sobrenatural (o efeito circular do enunciado é proposital): a funcionalidade humana é na verdade função do Transcendente, pois para Agostinho não se tratava de "humilhar" a natureza, mas sim elevá-la (superando-a) ao regime do sobrenatural. Sua antropologia é teológica na medida em que o ser humano é um "animal divino" e só conhece a si mesmo negativamente, tanto como miserável (negatividade como "mal"), como no sentido de negatividade que descreve aquilo que um ser não é, portanto uma descrição centrada na falta” (Pondé, 2001, p. 91-92)

Na discussão entre Agostinho e Pelágio, Pondé identifica o caráter fundante da relação entre Deus e o homem. A natureza humana está caída, e com ela todas as suas ações e opções. O ser humano está entregue aos seu pecado original, e nada pode ser feito em relação a isso.

Apenas a graça sobrenatural de Deus, de caráter temporário e momentâneo, pode efetivar a graça através de ações eficazes, ou seja, gestos concretos em que o homem pode encontrar a redenção e o amor, com os quais se relaciona com Deus e com a humanidade. Discordando de Pelágio quanto a potência natural do livre-arbítrio, Agostinho prenuncia a idéia de predestinação, na seguinte forma: uma vez que todos são candidatos a salvação

---

Hipona e considerada herética. O bispo da Gália, Germanus Castus, articulou a censura papal, a excomunhão de Pelágio.

pela graça de Cristo, e por toda humanidade ter o livre-arbítrio, Deus ainda é quem oferece a graça da escolha pelo bem.

Ora, é como se dissesse que todos podemos escolher o amor, mas o próprio fato da escolha ocorrer já é uma graça de Deus. Logo, Deus escolhe quem pode escolher. Esse germe de predestinação filosófica cristã se torna um dos grandes desafios da filosofia cristã no decorrer dos séculos.

Essa incognoscibilidade da salvação, segundo Ponde, é um dos grandes limites racionais para a natureza humana. A partir de uma visão humanista, isto se torna insuportável pela ausência de um mecanismo natural que explique a redenção do homem, e seu encontro com a felicidade.

Porém, a tradição religiosa, da qual Agostinho faz parte, na verdade quer elevar a natureza humana, afirmando que esta não é apenas natural enquanto presença dada no mundo, mas também transcendente, sobrenatural, estabelecida na relação com Deus, que está além do mundo, e que convida a humanidade a vencer o mundo e encontrar-se com sua natureza criatural, e assim voltar-se ao Criador, que é sua felicidade. Esse debate se estende na história da filosofia religiosa, surgindo de forma mais vigorosa no renascimento, início da modernidade, com a formulação do humanismo.

“Pascal<sup>6</sup>, no séc. XVII, retomará a argumentação agostiniana contra a retomada do pelagianismo pelo jesuíta Molina, defendendo a radical incognoscibilidade da "economia" da graça. Naquela época, todo o movimento renascentista já indicava um "retorno" à "mística" da dignidade natural do ser humano. Tal fato implicava exatamente a assunção da autonomia do ser humano enquanto ser de natureza: a chamada modernidade iluminista é filha desse processo. A crítica que emana da experiência religiosa jansenista é uma crítica ao caráter ilusório da funcionalidade desta "natureza" inexistente e uma defesa da necessidade da graça sobrenatural.”  
(Ponde, 2001, p.92)

A discussão Pascal, e do jansnismo, é de que a mística da dignidade natural do homem não sustenta a verdade: o homem não possui dignidade natural. É apenas no voltar-

---

<sup>6</sup> Blaise Pascal (1623-1662). Filósofo, físico e matemático francês.

se em ato de contrição a Deus que o ser humano atinge a sua dignidade de criatura amada. Não na afirmação de algo em si, independente da relação com Deus.

Esta é a origem, segundo Ponde, da idéia de um humanismo naturalista que, por sua natureza autônoma e auto-suficiente em relação a Deus, possibilita a modernidade desenvolver-se em direção a um ataque a qualquer manifestação de Deus como objeto de reflexão válido e coerente, mesmo na pesquisa científica e acadêmica.

Dessa forma, a única maneira da reflexão religiosa se apresentar ao debate é através de sua percepção da humanidade sem relação com Deus, lama e vazio, destinado a retornar ao pó de onde veio. É o que Ponde chama de contingência humana. É na crítica epistemológica que a religião pode novamente se fazer presente no pensamento moderno.

“Creio que antes mesmo de esses grandes epistemólogos atuais se lançarem à discussão dessa hidra que é a contingência, e seu braço filosófico-social armado, o relativismo, dentro do campo da filosofia da religião, Dostoiévsk (entre outros, como Berdiaev, Ivanov, Pascal) já havia verticalizado a questão. Desnecessário dizer que tal problema data, no mínimo, do Teeteto de Platão, e que nenhum pensador com algum repertório iria supor que quaisquer desses autores – tampouco eles mesmos – pensam ter (re)descoberto a roda. Minha questão aqui se refere mais precisamente ao formato contemporâneo da discussão, formato esse que assimila os ‘avanços’ do debate moderno pós-iluminismo, pós-Romantismo alemão, pós-linguistic-turn e tecnológico-dependente. Em suma, depois da aposta humanista moderna, o problema do relativismo apresenta alguns agravantes, principalmente porque essa aposta implica um movimento de redenção – ainda que disfarçado em linguagem pós-metafísica – centrado na suposta consistência da natureza humana racional ou naquilo que chamo, e de certa forma também Berdiaev, de falsa suficiência humana. A própria idéia de ‘reconstrução’ do mundo e da sociedade deflagrada pela modernidade é figura dessa (inconsistente, na minha opinião e, penso, na de Dostoiévsk) aposta humanista-naturalista.” (Pondé, 2003, p.15)

Retomando a historia de debate sobre a contingência, Ponde direciona a questão em termos da modernidade, especificamente no chamado relativismo, na qual a aposta humanista-naturalista busca encontrar uma redenção humana posta na reconstrução social e mesmo individual psicológica, entende como a verdadeira felicidade. É justamente esse

relativismo que é a consequência direta. Se o homem é a medida de todas as coisas, como dizíamos antigos gregos adeptos desta visão, o relativismo se torna fundador, por ser o próprio homem algo que não é, porque apenas Deus é.

Se centrar o projeto de verdade e felicidade em algo tão mutável quanto natureza humana é algo válido, e esta é a aposta relativista, logo a existência se torna uma sucessão infundável de impulsos caóticos e desregulados, que não obedecem a nada permanente, apenas espasmos irriquetos de um ser vivo que caminha para a morte.

“O desejo, de base tomista<sup>7</sup>, de que ao final haja uma convergência ontológica necessária entre religião (cristã) e racionalidade científica moderna não me é tão evidente como parece ser a muitos pensadores religioso, que julgo ingênuos. O fato é que a total ausência de compromisso por parte de autores religiosos como Dostoiévski<sup>8</sup> ... com os frutos do criticismo iluminista kantiano<sup>9</sup> ... e seu *sense-rational epistemological turn* associado à herança (que lhe é anterior) da virada humanista dogmática da (grosso modo) Renascença, por considerá-los (refiro-me aos frutos) simplesmente inconsistentes com relação aos *very sense-data* – crítica essa que era muito semelhante à de Agostinho com relação ao humanismo *avant la lettre* de Pelágio – oferecidos pelo mundo em geral, cria uma verticalidade que parece faltar em muitos dos autores que, por estarem implicados com o projeto de redenção renascentista ... insistem numa visão menos ‘pessimista’ da condição humana.” (Pondé, 2003, p. 18)

Não há convergência da modernidade, em sua base humanista-naturalista, com a tradição do pensamento religioso dito pessimista. Segundo Ponde, os pesquisadores que

---

<sup>7</sup> Relativo a São Tomás de Aquino (1227-1274) chamado Doutor Angélico. Fez a síntese entre o pensamento do filósofo grego Aristóteles com a Teologia cristã. Até hoje considerado como doutrina filosófica oficial da Igreja, o tomismo é o sistema de pensamento mais estudado entre os católicos, que afirma existir uma relação real entre a Revelação Divina e o exercício correto da razão.

<sup>8</sup> Fiódor Mikhailovich Dostoiévski, (1821 - 1881) foi uma das maiores personalidades da literatura russa. Cristão ortodoxo, escreveu mais de uma dezena de livros em que discutia religião, racionalismo, nilismo, humanismo e revolução social, redenção e salvação.

<sup>9</sup> Relativo a Emanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, um representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX.

buscam essa convergência são ingênuos. Através do histórico do debate, apontando autores com os quais identifica com a tradição pessimista, Ponde afirma a falência deste projeto, e ao se colocar ao lado da tradição pessimista, entende que sua crítica é real, e válida na compreensão de Deus como única saída do homem.

“Todavia, e aqui é que vemos a força da crítica de Dostoiévski (e de outros autores religiosos), podemos abrir mão da argumentação diretamente religiosa (o vocabulário experimental religioso que fundamenta a atitude do pensador religioso como agente noético) e, ainda assim, esse resto cognitivo e noético se sustentará como crítica, pois a atividade crítica ‘é natural’, isto é, tem matéria de criatura e, portanto, tem lugar na linguagem epistemologicamente controlada. Assim, nessa configuração, ela parecerá uma palavra imersa em um ‘pessimismo atroz’, já que rompe, sem sofrer, com a ‘fé’ ingênua no projeto dogmático humanista, ridículo, e dialoga de igual para igual com o nilismo *caché* (escondido) da modernidade: ultrapassa a farsa e toca seu segredo infeliz. Trata-se, na realidade, de uma filosofia da desgraça. Esta nos falará da falência do ser humano (profetismo agressivo), de sua disfunção necessária (antropologia cética), de sua insuficiência (sua sobrenaturalidade esquecida e sua disjunção miserável como sintoma desse esquecimento, isto é, seu exílio na natureza), do conflito polifônico infinito (drama multivocal como categoria essencial para descrever a condição humana que fala de si mesma), consequências, todas, do distanciamento de Deus.” (Pondé, 1997, p.23)

O desdobramento do pensamento religioso como crítica se realiza por quatro elementos da filosofia da desgraça, como denomina Ponde, posta na análise das propostas e ações promovidas e cultuadas pela modernidade enquanto esforço humano em busca de redenção e felicidade: 1) o profetismo agressivo, 2) a antropologia cética, 3) o exílio da natureza, 4) o drama multivocal. Todas consequências da ausência da relação com Deus.

O profetismo agressivo é a observação da humanidade enquanto falida porque criatura sem relação com o Criador. É a tradição da denúncia profética enquanto prepara o anúncio de Deus. Ao observar o homem como ser em si limitado, sem capacidade de realmente estabelecer a redenção e a felicidade, o profetismo agressivo critica as falhas e lacunas que, como pressuposto, todas as ações modernas e humanistas-naturalistas apresentam.

E é através do pressuposto da antropologia cética que o profetismo agressivo se torna coerente. O homem é um ser caído. A natureza humana é algo em si corruptível. A única maneira de redimir essa corrupção é Deus. Ora, sem essa realidade as ações humanas continuaram a ser corruptas. Ao perceber essa antropologia da desconfiança, olhar o homem sempre com uma dimensão pessimista, a filosofia da desgraça pode dialogar profusamente com a epistemologia moderna.

O exílio da natureza, como conceito que define a apartação do homem dessa natureza justificadora de sua autonomia redentora e feliz é que estabelece a necessidade de compreender o homem como ser sobrenatural, de uma realidade que está além da natureza, e por isso mesmo, quando contemplado apenas nessa perspectiva natural, se torna insuficiente, parcial e incompleto. Não podemos considerar o projeto humanista-naturalista, porque conceitualmente o homem é par além da natureza. Possui vocação para a divindade.

No caso do drama multivocal humano, Ponde entende o humanismo por sua expressão de sua multiplicidade e inconstância. Em termos psicológicos, o homem só se torna aquele que é quando se relaciona com aquele que é, ou seja Deus. É apenas quando se coloca em relação com o eterno que o homem se torna indivíduo. Do contrário, apartado desta relação, o homem está posto apenas como expressão multiforme, caótica e confuso de desejos, vontades e instintos, uma legião de seres fracionados na mesma personalidade.

Por fim, essas quatro categorias, ao definir o humanismo ridículo apontam o potencial epistemológico de crítica, nos moldes da ciência moderna e da compreensão da inserção de um aparato de conhecimento oriundo das tradições religiosas nesta modernidade. O debate sobre a ciência abre espaço para a tradição pessimista como conhecimento válido acerca da realidade.

O que Ponde nos propõe é um aprofundamento sobre a pesquisa em religião. Mais ainda, oferece a oportunidade de uma epistemologia que resgate o objeto religioso como expressão de uma verdade, não apenas como um objeto para produzir conhecimento criticável, mas também como sujeito epistemológico de crítica. Tanto na sociedade, como na integração psíquica do homem moderno.

“O que Berdiaev<sup>10</sup> critica aqui é exatamente a opção redentora pelo alegre niilismo racional (sua ‘banalização superficialista burguesa’), que nos propõe a felicidade do materialismo de consumo, em linguagem atual, como solução para o mistério angustiante da condição humana. A premissa evidente é que mentimos o tempo todo, já que permanecemos aterrorizados mesmo quando gritamos histericamente diante das vitrines dos shoppings centers e nas sessões de auto-estima psicologicamente assistidas. Em sua opinião, é melhor a permanência na angústia religiosa, que forçosamente lança o ser humano, ainda que em uma forma de pesadelo, em um movimento de superação de sua própria condição. Tal movimento implicaria o acesso a uma profundidade enigmática que transformaria o ser humano em algo além do risível superficial e banal. O que ele defende não é uma forma de masoquismo religioso (o que a inteligência dogmática anti-religiosa adora pensar), mas sim que a denegação da angústia transcendente pelo movimento da alegria boba produz necessariamente um enorme sofrimento silencioso, que impede assim todo o acesso, mesmo em termos de vocabulário, a um universo onde esse medo poderia encontrar eco para sua natureza essencialmente atormentada. A aparente opção pela agonia é, na realidade, um desdobramento da recusa de um humanismo ridículo porque insustentável” (Pondé, 1997, p. 27)

## 2) Humanismo Ridículo e Igreja Católica

Entendido o conceito de humanismo ridículo através de sua presença em Dostoiévsk, propomos agora uma abordagem no pensamento católico do século XIX, percebendo a presença do conceito de humanismo ridículo também nesse contexto.

Dessa forma, apresentamos também os fundamentos de crença oficiais da Igreja Católica Romana, especificamente o que se entende por verdade, através dos documentos de seu Magistério<sup>11</sup> do fim do século XIX. Para entendermos o que isso significa buscamos entender as posições oficiais da Igreja Católica na época. Para tal, recorreremos ao *Syllabus*

---

<sup>10</sup> Nikolai Alexandrovich Berdiaev 1874-1948, escritor e filósofo russo. Escreveu principalmente sobre política e religião. Viveu a maior parte de sua vida na França.

<sup>11</sup> Pronunciamento, escritos e resoluções dos Papas pela cátedra de São Pedro e dos conselhos episcopais em relação a interpretação da Sagrada Escritura. Juntamente com a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura, são fontes de formulação teológica e definidoras do que é a Verdade para a Igreja Romana. Ver Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum*.

dos erros modernos, presente na encíclica<sup>12</sup> *Quanta Cura*, de 1864, apresentado por Pio IX<sup>13</sup> antes da convocação do Concílio<sup>14</sup> Vaticano I.

Ao nos aproximarmos desse pensamento, entendemos com o humanismo ridículo pode ser entendido o que Pio IX chama de erros graves do tempo presente. Esses erros, como a doutrina da auto-justificação da razão em si mesma; a presença da religião como fenômeno puramente humano; a idéia panteísta de que Deus é despersonalizado e está presente em tudo e em nada; a separação legal entre Igreja e Estado; a condenação das formas laicas de organização social como o socialismo, o comunismo e o protestantismo, foram condenados. A defesa da fé se pautou em pontos como Revelação como fonte da Verdade que a razão deve servir; a proeminência do sumo pontífice em relação aos outros líderes de Estado; o Magistério infalível do Romano Pontífice; a validade da religião católica como oficial de Estado.

Em sua encíclica *Fides Et Ratio* (1998), sobre as relações entre fé e razão, João Paulo II<sup>15</sup> nos mostra o quão importante foram importantes o Concílio Vaticano I, e esses documentos do século XIX e início do XX para restabelecer a Igreja Romana das mudanças e transformações que a filosofia, a sociedade e o mundo viveram neste período.

“Se a palavra do Magistério se fez ouvir mais frequentemente a partir da segunda metade do século passado (XIX), foi porque naquele período, numerosos católicos

---

<sup>12</sup> Escrito específico do pontífice católico, que expressa a doutrina da Igreja pelo fundamento do Magistério, do primado de São Pedro, que, segundo a doutrina católica, juntamente com a Tradição, vivência de geração em geração da revelação de Jesus, lhe confere valor doutrinário tão grande quanto as Sagradas Escrituras. Ver Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum*.

<sup>13</sup> O Beato Pio IX OP, nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti (1792 - 1878). Foi Papa durante mais de 31 anos, o mais longo pontificado da história da Igreja. Era Frade Dominicano. Entre os acontecimentos de maior notoriedade estão a declaração do dogma da Imaculada Conceição em 1854 e as sessões do primeiro Concílio do Vaticano I em 1869-1870.

<sup>14</sup> Encontro de bispos católicos, que definem dogmas, estabelecem diretrizes e representam a Igreja Romana os desafios do momento histórico específico. Integram o Magistério. São 21 Concílios Ecumênicos da fundação do cristianismo até os dias atuais. Ver PAULO VI, papa. Credo do Povo de Deus. Os 265 Papas da Igreja e Os 21 Concílios Ecumênicos da Igreja.(1998) Lorena. Cléofas.

<sup>15</sup> Papa João Paulo II nascido Karol Józef Wojtyła 1920 - 2005) foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos (desde o holandês Adriano VI, no século XVI). Teve o 3.º papado mais longo da história do catolicismo.

sentiram o dever de contrapor uma filosofia própria às várias correntes do pensamento moderno. Daqui resultou, para o Magistério da Igreja, a obrigação de vigiar a fim de que tais filosofias não degenerassem, por sua vez, em formas errôneas e negativas. Acabaram assim censurados os dois extremos: dum lado, o fideísmo e o tradicionalismo radical, pela sua falta de confiança nas capacidades naturais da razão; e, do outro, o racionalismo e o ontologismo, porque atribuíam à razão natural aquilo que apenas se pode conhecer pela luz da fé. Os conteúdos positivos desse debate foram formalizados na constituição dogmática *Dei Filius*, por meio da qual um concílio ecumênico – o Vaticano I – intervinha, pela primeira vez e de forma solene, sobre as relações entre razão e fé.” (João Paulo II, 1998, p.72-73)

Retomando pontos da Patrística<sup>16</sup> e de São Tomás, o pensamento católico do século XIX entende a humanidade como dependente de Deus, de sua revelação e de sua Igreja. Nem a autonomia humana (humanismo rídículo) poderia ser baseada na razão, insuficiente, nem na organização do Estado sem a Igreja. As relações entre fé e razão estavam baseadas intimamente nas relações entre Igreja e Estado, poder espiritual e poder temporal.

Ao discutir todas essas questões, o magistério católico se empenhava para defender os Estados Pontifícios, a soberania da religião católica em todos os demais Estados, e a recusa de diálogo com as demais expressões leigas que não professavam a fé católica. Recusando a modernidade como centro da organização fosse individual, psíquica e racional, fosse coletiva, na sociedade civil, política e institucional. Daí a expressão de Pio IX na encíclica *Quanta Cura*.

“Afinal, bem sabeis, veneráveis irmãos, que neste tempo se encontram não poucos que, aplicando à convivência civil o ímpio e absurdo princípio do *naturalismo*, ousam ensinar que ‘o melhor ordenamento da sociedade e o progresso civil exigem que a sociedade humana seja constituída e governada sem nenhum cuidado para com a religião, como se ela não existisse, ou ao menos sem fazer distinções entre a verdadeira

---

<sup>16</sup> Patrística é a área da Teologia cujo núcleo são os ‘Pais da Igreja’ dos séculos II ao VIII. Entre eles destaca-se Santo Agostinho. Em seus escritos eclesiásticos desenvolveram os fundamentos teológicos e doutrinários do Cristianismo. A partir do ano 95 d.C. começaram a ser chamados de ‘Pais da Igreja’, por sua reflexão sobre a doutrina revelada por Deus. Os ‘Pais da Igreja’ são, portanto, aqueles que ao longo dos sete primeiros séculos, inclusive através dos Concílios Ecumênicos, foram confirmando e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas da Igreja.

e as falsas religiões’. Contrás o ensinamento das Sagradas Escrituras, da Igreja e dos Santos Padres, não duvidam em afirmar que ‘a melhor condição da sociedade é aquela na qual não se reconhece ao império o dever de reprimir com penas estabelecidas os violadores da religião católica, a não ser quando isso seja requerido para a paz pública’. (Pio IX, 1999, p. 250)

A condição do naturalismo exposta por Pio IX é condenada fortemente. Daí a defesa da revelação cristã para a salvação do homem e do sociedade. A idéia de que era natural ao homem se ordenar pacificamente e assim encontrar a justiça entre seus era inconcebível para o pensamento católico. A presença do humanismo ridículo era algo tangível nos escritos do papa. A autonomia humana, fosse racional, fosse social, era abertamente desprezada e apenas o retorno aos cânones da fé católica, e daí sua organização institucional e sua orientação intelectual, poderiam, enfim, redimir o homem.

“Nos lugares onde a religião foi removida da sociedade civil e a doutrina da autoridade da divina revelação foi eliminada, a genuína noção de justiça e de direito humano foi obscurecida e se perdeu, e no outro lugar da justiça verdadeira e no legítimo direito foi posta a força material. Conseqüentemente fica claro porque alguns, completamente descuidados e desprezados os certíssimos princípios da sã razão, ousem proclamar: ‘A vontade do povo, manifestada, como dizem, através da opinião pública ou de outro modo, constituir a lei suprema, desligada de todo tipo de direito humano ou divino. Na ordem política, os fatos realizados têm força de direito exatamente porque cumpridos’. Ora, quem não vê e não compreende plenamente que a sociedade humana, desvinculada da religião e da verdadeira justiça, nada mais pode estabelecer-se, exceto o escopo de procurar e acumular riquezas, nem seguir outras leis em suas ações, a não ser a indômita cupidez de ânimo de servir á própria comodidade e volúpia?” (Pio IX, 1999, p.251-252)

Não há possibilidade sequer de organização humana quando nos deparamos com o humanismo ridículo. Ao nos aproximarmos do texto de Pio IX, percebemos que ele mesmo pratica os conceitos propostos por Pondé ao tratar da presença da crítica religiosa, da filosofia da desgraça. Seja: o profetismo agressivo, com a perda da noção de justiça; a antropologia cética, com a lei da cupidez e da volúpia; o exílio da natureza, com o acúmulo

de riquezas e perda do direito humano; ou o drama multivocal, com o drama da instabilidade do povo, enquanto opiniões e enganos, entendido como desordem e desunião, Pio IX reafirma continuamente a falência do projeto de um homem sem Deus.

Compreendendo o que Pondé conceitua como humanismo ridículo, o pensamento católico do magistério do século XIX enfrenta abertamente questões espinhosas, ainda não definidas plenamente na modernidade. A virada do século XIX vai expressar essa convulsão que permeia todo o século XX. Para mais uma aproximação do pensamento de Pio IX, e de como o conceito do humanismo ridículo se enquadra na crítica religiosa, alguns pontos do *Syllabus* mostram coerentemente a posição católica. As expressões demonstram as condenações realizadas pelo pontífice.

“2º Deve negar-se toda a ação de Deus sobre os homens e sobre o mundo.

“3ª A razão humana, considerada sem relação alguma a Deus, é o único árbitro do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, é a sua própria lei e suficiente, nelas suas forças naturais, para alcançar o bem dos homens e dos povos.

“4ª Todas as verdades da religião derivam da força natural da razão humana, e por isso a mesma razão é a principal norma pela qual o homem pode e deve chegar ao conhecimento de todas as verdades de qualquer gênero que sejam.” (Pio IX, 1999, p. 260, 261)

Nesta primeira parte do *Syllabus*, Pio IX condena o Panteísmo, Naturalismo e Racionalismo Absoluto. Novamente retoma o que chama de naturalismo, e também da auto-sustentação racional do homem. O homem não é homem porque é racional. O homem é homem enquanto criatura de Deus. A dignidade humana é sobrenatural, e não é natural. E justamente por isso é capaz de superar-se em direção a Deus, o bem infinito, que não está preso à realidade caída do homem. Ao afirmar que o homem não é auto-suficiente, Pio IX também afirma que sua sustentação está em Deus, bom e verdadeiro, e daí a necessidade de sua Igreja e a superioridade deste em relação ao poder temporal.

Esta é a conjunção conceitual que possibilita Pio IX condene a afirmação que basta a razão para a felicidade humana, mesmo que seja em direção a religião. Apenas a

revelação cristã possibilita a plenitude humana. Mais uma vez, o ataque se dirige ao fundamento do Estado laico. Se os homens podem se organizar independentes de Deus, uma Igreja, e mesmo um Estado pautado nas leis religiosas, são inúteis, cabendo ao homem liberto (humanismo ridículo) dominar o mundo conforme suas próprias deliberações.

Quando trata dos erros da ética natural e cristã, Pio IX nos dá novo exemplo do humanismo ridículo, ao condenar a possibilidade de uma moral capaz de se manter coerente se for fundamentada na realidade humana sem relação com Deus.

“56ª As leis morais não carecem da sanção divina, e não é necessário que as leis humanas sejam conformes ao direito natural ou recebam de Deus o poder obrigatório.

“58ª Não é preciso reconhecer outras forças senão as que residem na matéria, e o sistema moral e a honestidade dos costumes devem consistir em acumular ou aumentar riquezas por qualquer meio e na satisfação de todos os gozos.

“59ª O direito firma-se no fato material; todos os deveres do homem são palavras vãs, e todas as ações humanas têm força de direito.” (Pio IX, 1999, 271)

A insistente condenação de que o homem é capaz de formular e obedecer leis de caráter puramente humano são mais uma vez exemplos da antropologia cética. A possibilidade de recusar a matéria, mutável como a única fonte de poder é a expressão do profetismo agressivo. A negação da satisfação de todos os gozos como único fundamento do sistema moral é a afirmação do exílio da natureza, e o desprezo do relativismo de ações humanas, colocando qualquer ação como igual e o desprezo pelos deveres são a condenação última do drama multivocal.

Por fim, assim como Dostoiévsk, na Rússia do século XIX, estabelece sua filosofia da desgraça através de sua literatura, o Magistério Católico formula mais expressiva em postulados e orientações o mesmo princípio: o homem sem Deus não é.

O conceito de humanismo ridículo de Pondé, como expressão da filosofia da desgraça, a religião como crítica, pode ser identificado tanto em Dostoiévsk quanto em Pio IX. O século XIX, como crescente da modernidade, foi visto por ambos os pensadores religiosos como preocupante. Fosse na literatura russa, fosse nos documentos oficiais do

magistério católico, ambos entendiam que o conceito proposto por Pondé era válido, e justamente por isso buscavam um humanismo não ridículo, porque se pressupunha autônomo e natural, mas um relacional, criatural, que por isso mesmo reconhecia sua pertença ao pó, o buscava sua sobrenaturalidade e sua eternidade, revelada na fé.

## BIBLIOGRAFIA

PONDÈ, Luiz Felipe. *Crítica e Profecia – A filosofia da religião em Dostoiévsk*. Editora 34. (2003). São Paulo

PONDÈ, Luiz Felipe. *Epistemologia Agônica e Disfuncionalidade Humana: um ensaio de teologia pessimista*. REVER – Revista de Estudos de Religião. 02 (2001). São Paulo.

PIO IX. *Documentos de Gregório XVI e de Pio IX*. Paulus. (1999). São Paulo.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Paulinas. (1998). São Paulo.

PAULO VI, papa. *Credo do Povo de Deus. Os 265 Papas da Igreja e Os 21 Concílios Ecumênicos da Igreja*. Cléofas. (1998). Lorena.

DOSTOIÉVISK, Feodor. *Os Demônios*. José Olympio. (1952). Rio de Janeiro